

# Literatura de viagem e projetos utópicos feministas: Flora Tristan e o Peru<sup>1</sup>



André Telles do Rosário

Doutorando/Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

## Resumo:

Desde *Utopia*, de Tomás Morus, a literatura de viagens tem sido usada por diversos autores para a crítica social. Além de estratégia discursiva, a própria experiência da viagem ao “Novo Mundo” serviu de estímulo para o surgimento de novas sensibilidades sociais. Flora Tristan, socialista e feminista, é um caso. Sua viagem ao Peru, em 1833 e 34, é considerada por vários comentadores como um momento a partir do qual seu ativismo político ganhou força e direção. Neste artigo lemos seu primeiro livro *Peregrinações de uma pária*, para tentar compreender como essa viagem forneceu elementos para sua obra.

**Palavras-chave:** Literatura de Viagem, Feminismo, Socialismo, Flora Tristan.

## Abstract:

Since Thomas More's *Utopia*, travel literature has been used by several authors for social criticism. Besides the discursive strategy, the travel experience to the “New World”, itself, has stimulated the rising of new social sensibilities. It is the case of Flora Tristan, socialist and feminist. Her trip to Peru, in 1833 and 34, is considered to be, by many commentators, the moment when her political activism grew in force and direction. In this article we read her first book *Peregrinations of a pariah*, trying to understand how this trip provided elements for her work.

**Key-words:** Travel Literature, Feminism, Socialism, Flora Tristan.

## Resumen:

Desde *Utopía*, de Tomás Moro, la literatura de viajes ha sido usada por diversos autores para la crítica social. Además de estrategia discursiva, la propia experiencia de viaje al “Nuevo Mundo” les servió de estímulo para el surgimiento de nuevas

---

<sup>1</sup> Recebido em 29 de junho de 2009. Aprovado em 10 de julho de 2009.

sensibilidades sociais. Flora Tristan, socialista y feminista, es un caso. Su viaje a Perú, en 1833 y 34, es considerada por varios comentaristas como un momento donde su activismo ganó fuerza y dirección. En este artículo leemos su primer libro *Peregrinaciones de una paria*, para intentar comprender como esa viaje suministró elementos para su obra.

**Palabras-clave:** Literatura de Viaje, Feminismo, Socialismo, Flora Tristan.

## Introdução

Com a expansão europeia depois dos “descobrimientos”, e a difusão do livro a partir do século XVI, a curiosidade sobre a existência de outros povos e lugares desconhecidos possibilitou o florescimento, na Europa, de uma literatura relacionada às excursões ao “Novo Mundo”. Desde seu surgimento, tal gênero tem sido utilizado por muitos escritores para, mais ou menos explicitamente, oferecer modelos críticos alternativos aos costumes das metrópoles.

Além de estratégia discursiva, a própria experiência da viagem a lugares tão distintos serviu de estímulo para o surgimento de novas sensibilidades sociais, em alguns casos. Flora Tristan, socialista e feminista, sob a perspectiva que este artigo pretende demonstrar, é um deles. Sua viagem ao Peru, em 1833 e 34, é considerada por vários comentaristas como um momento a partir do qual seu ativismo político ganhou força e direção. Neste artigo leremos seu primeiro livro *Peregrinações de uma pária*, especialmente os diários de sua estadia em Arequipa, para tentar compreender como a viagem ao Peru forneceu subsídios para suas obras de combate às condições das sociedades de seu tempo.

## Literatura de viagem e Utopia

A lenda conta que Tomás Morus teve a idéia de *Utopia* após fascinar-se com a descrição de Fernando de Noronha feita por Américo Vespúcio. O navegador florentino foi o primeiro a descrever o arquipélago, por onde passou em 1503, em sua quarta viagem ao que depois conseguiu provar ser um novo continente.

É justamente como acompanhante de Vespúcio “nas três últimas de suas quatro viagens, cujo relato hoje se lê quase em toda a parte” (Morus 1997:18), que Raphael Hythlodæus, o homem que descreve a ilha de Utopia na obra de Morus, pôde conhecer o lugar, depois de permanecer no novo mundo em vez de voltar para Portugal, na última das jornadas (aquela que passou por Noronha).

*Sobre o Melhor Estado de uma República e sobre a Nova Ilha de Utopia*, o livro que cunhou o termo, se utiliza de pretensos relatos de viagens para imaginar o lugar governado idealmente. Assim, desde o início do conceito *Utopia*, como se pôde ver, a imaginação utiliza a literatura de viagem para sugerir novos modelos de convívio social, colocando os hábitos europeus em negativo, através do que seria o encontro com outras maneiras de se organizar politicamente um determinado território.

Como bem observa Fernando Ainsa, “o discurso utópico americano surge da dialética entre os arquétipos europeus sobre regiões desconhecidas e inexploradas e a noção de alteridade elaborada a partir do encontro entre dois mundos que, até o momento, se ignoravam reciprocamente” (Ainsa 1998:131). Ainda segundo Ainsa<sup>2</sup>:

A utopia, diferentemente da ideologia, necessita de um *espaço* onde se configurar. Fundante de territórios afastados e geralmente inacessíveis, a geografia da utopia acompanha o gênero desde suas origens (*Utopia* de Tomás Morus, em 1516) e só deixa de ser essencial no discurso do socialismo utópico do século XIX, quando o mundo já está explorado e conhecido. (Ainsa 1998:131)

Dá a paródia através da qual Morus inaugura o *Utopismo* só ser crível num mundo ainda não ostensivamente conhecido como o do século XVI. Na primeira metade do século XIX, a utopia já havia se movido dos países

---

<sup>2</sup> Este excerto de Fernando Ainsa e todos os textos de Flora Tristan aqui presentes foram traduzidos pelo autor deste artigo (do Espanhol e do Francês, respectivamente).

legendários para espaços concretos da Europa e – principalmente – das Américas.

Com os processos de independência das colônias ibero-americanas, tanto o continente se abriu para viajantes europeus de outras nacionalidades não-ibéricas, quanto os debates sobre os rumos das nações fomentaram a imaginação política de novos modelos sociais. A partir das primeiras décadas do século XIX, o fluxo de idéias e pessoas entre Europa e o que conhecemos hoje como América Latina foi fundamental para a conformação de projetos políticos de diversos tipos nos dois lados do Atlântico. É nesse contexto de agitação pós-independência que Tristan, leitora de Saint Simon e Fourier, pôde observar a escravidão, a corrupção, a injustiça, o obscurantismo religioso e a violenta disputa pelo poder dessa época.

### **Peru, década de 1830**

O Vice-reino do Peru era a caixa forte do Império Espanhol na América do Sul. Durante quase dois séculos centralizou a administração e o comércio desde o Panamá até o Rio da Prata. Mesmo após a criação dos vice-reinos de Nova Granada (1717) e do Rio da Prata e da Capitania Geral da Venezuela (1777), ainda permaneceu como uma das possessões mais importantes da Coroa até o início do Século XIX, e foi o último bastião do domínio espanhol a sucumbir, na América do Sul, depois de longa guerra. Foi necessário o encontro das expedições libertadoras vitoriosas vindas do Sul, com San Martín, e do Norte, com Simón Bolívar, para derrotar as forças realistas, cujo último foco foi debelado apenas em 1826; embora a Capitulação de Ayacucho, em dezembro de 1824, já tinha selado o fim do último vice-reino espanhol.

Acabadas as guerras, começou a luta pelo poder dentro dos países. É neste contexto de agitação histórica dos primeiros anos dos novos Estados que aconteceu a experiência americana de Flora Tristan. Entre 1821, o ano da independência, e agosto de 1833, quando ela chega a Islay, o porto mais próximo de Arequipa, a República de Peru já havia passado por três constituições diferentes e pela mão de quase 20 governantes. A estrutura racial

e de classes tinha permanecido intacta, e o colonialismo espanhol ainda era extremamente próximo, a ponto de alguns antigos realistas terem chegado a participar da administração da república. Como no caso do tio de Flora, Pio de Tristán, militar que defendeu a ordem colonial durante a guerra de independência e depois chegou a se tornar governador do Estado Sul-Peruano, durante a breve Confederação Peru-Boliviana (1837-1839).

## Flora Tristan

Além do ativismo político de seus últimos anos de vida, Flora Tristan (1803-1844) ficou conhecida em sua época como escritora de memórias de viagens, um romance utópico e variados comentários sociais. Hoje, é lida e relida como uma pensadora que fez a ponte entre o socialismo “utópico” e o “científico” e ajudou a fundar as bases da moderna teoria feminista. Um bom exemplo de sua posição pode ser percebida neste excerto do capítulo “Porquê eu menciono as mulheres”, da *União Operária*:

Até hoje, a mulher não contou para nada nas sociedades humanas.  
– O que resultou disto? – Que o padre, o legislador, o filósofo, a têm tratado como uma *verdadeira pária*. A mulher (que é metade da humanidade) foi colocada *fora da Igreja*, fora da *lei*, fora da *sociedade* [...] Uma condenação terrível assim, e repetida durante seis mil anos, naturalmente abateria a multidão, porque a sanção do tempo tem muita autoridade sobre a multidão. – Entretanto, o que deve nos fazer esperar que possamos apelar deste julgamento, é que também, durante seis mil anos, os sábios dos sábios tiveram um julgamento não menos terrível sobre uma outra raça da humanidade: os PROLETÁRIOS. (Tristan 1844:44-47)

Filha de um casamento não reconhecido entre um general peruano e uma francesa emigrada para a Espanha depois da Revolução de 1789; burguesa que perdeu tudo e virou proletária ainda criança, após a morte do pai, obrigada

a trabalhar desde muito cedo; mulher separada de um casamento imposto pela pobreza, impossibilitada de conseguir o divórcio: essas eram algumas de suas condições quando embarcou no navio *Le Mexicain*, rumo à América do Sul, para buscar sua parte na herança do pai. Quando voltou à França, sem nada do que pensava conseguir, iniciou nas letras e tornou-se peça importante no debate político de seu tempo.

Seu primeiro panfleto, “Da necessidade de se receber bem as mulheres estrangeiras”, foi publicado em 1835, e defendia a força civilizadora que tinha o fato de mulheres européias viajarem, para a aprimoração de países menos “avançados”, claro fruto de sua experiência peruana. Dois anos depois publicou outro, em defesa do divórcio, proibido na França desde a Restauração. *Peregrinations d'une paria*, seu primeiro livro, saiu em 1838. Nesse mesmo ano, lançou um romance, *Méphis ou O Proletário*. Em 1839, publicou uma seleção de cartas de Simón Bolívar traduzidas para o francês. *Passeios em Londres*, seu diário de viagem pela Inglaterra, veio à luz em 1840, e a fez famosa no meio socialista.

Mas a obra que lhe pôs definitivamente na história das lutas sociais surgiu em 1843, *L'Union Ouvrière*, citado mais acima. Depois de sua publicação, saiu naquela seria sua última viagem, pelo interior da França, para divulgar suas idéias e ter contato com os operários, e em Bordeaux, vítima de febre tifóide, faleceu aos 41 anos de idade. Teve ainda um trabalho publicado postumamente, logo após seu falecimento, chamado *A Volta pela França, estado atual da classe operária sob o aspecto moral, intelectual, material*, com os diários de sua derradeira jornada..

A partir do próximo parágrafo, procuraremos representações e estratégias presentes ao longo de sua obra, que iluminem a importância da viagem ao Peru, e da publicação dos diários dessa viagem, para a consolidação de sua ação socialista e feminista depois de seu retorno à França.

### **Peregrinações de uma pária**

A agitação política que assolava o Peru é pano de fundo da obra de estréia de Flora. As *Peregrinações* foram publicadas em 1838, em dois tomos, com mais de novecentas páginas de texto. Antes dos relatos de viagem, o

livro começa com uma dedicatória e uma nota de seis páginas “Aos Peruanos”, impressa em tipo cursiva, assinadas por “Vossa compatriota e amiga, Flora Tristan”, com data de agosto de 1836. Onde tenta preparar o ânimo para a recepção de sua obra em terras peruanas. Exercício realmente necessário e, de certa forma, inútil. Comprometida em colocar a nu tudo o que sofreu, sem mudar sequer os nomes, sua visão do país foi tão crítica, que o livro foi queimado em praça pública em Arequipa e Lima, junto com uma imagem sua, quando lá chegou.

Dois textos também dela complementam os prolegômenos, que juntos somam 47 páginas. No primeiro justifica seu comportamento e seu posicionamento político. É uma defesa do pensamento social, como forma de luta para o fim da opressão de raças, classes e gêneros, como se pode perceber neste excerto:

Mas se a escravidão existe na sociedade, [...] se as leis não são iguais para todos, se os preconceitos religiosos ou outros reconhecem uma classe de PÁRIAS, oh! então, a mesma dedicação que nos leva a assinalar o desprezo pelo opressor deve nos fazer lançar um véu sobre a conduta do oprimido que tenta escapar do jugo. [...] A servidão foi abolida, dirão alguns, na Europa civilizada. Não temos mais, é verdade, mercado de escravos em praça pública; mas entre os países mais avançados, não há um onde as classes numerosas de indivíduos não sofram uma opressão legal. Os camponeses na Rússia, os judeus em Roma, os marinheiros na Inglaterra, as mulheres em todo lugar; sim, em todo lugar onde a cessação do consentimento mútuo, necessário à formação do casamento, não é suficiente para rompê-lo, a mulher está em servidão. (Tristan 1838:xxiii-xxiv, vol.I)

O terceiro e último texto antes da narrativa é um prólogo onde explica a situação específica da viagem. Sua mãe, Anne Lesnay, era francesa e tinha esposado Mariano Tristán-Moscoso, um peruano, enquanto estava

emigrada na Espanha. Devido a uma série de obstáculos legais, casaram-se clandestinamente. Flora tinha apenas quatro anos quando seu pai morreu, sem legalizar o matrimônio, nem deixar um testamento. Passaram da opulência à miséria, e por causa disso, mudaram-se de Paris para o interior, de onde voltou apenas com 15 anos. Pouco depois sua mãe a obrigou a casar um homem que, segundo suas palavras, não podia amar nem estimar. Não foi feliz no casamento, mas perdoou sua mãe. Separou-se aos vinte anos, e já fazia seis que estava só, no ano em que decidiu partir para o Peru, em 1833, a fim de recuperar parte da herança de seu pai. Por essa época já se correspondia com seu tio Pio Tristan há quatro anos. Acreditando no conteúdo de suas cartas, seguiu para Bordeaux, onde depois de dois meses e meio de espera e preparos, deixou sua filha sob os cuidados de uma amiga e partiu rumo a América do Sul.

Depois de dedicatória, prefácio e *avant-propos*, vem finalmente o texto. A quantidade de preâmbulos e seus conteúdos reforçam a estratégia discursiva muito bem pensada, política e retoricamente. Por falar mal do Peru, dedicou o livro a seu povo e explicou seus bons motivos. Ao criticar a posição dos oprimidos, utilizou Deus e a Razão como pontos de apoio. Quando atacou as condições a que as mulheres estavam sujeitas na sociedade, o faz através do apelo ao amor.

Além de todo o cuidado para situar o leitor, é importante notar que o texto “Aux Péruviens” tem data anterior em dois anos à publicação efetiva da obra. O que leva a crer que houve um processo de edição meticuloso e prolongado, onde o estilo da obra foi adequado “mercadologicamente”. Essa estratégia é legível também durante toda a história, que começa com a partida do navio na data de seu aniversário em 1833, e termina com ela deixando Lima, no ano seguinte.

Como se vê, sua luta está presente desde o início. Não se trata aqui de um relato de viagens para mero entretenimento, mas de uma peça de convencimento do público, principalmente o feminino. No intuito de divulgar as idéias que defendia, mas também de multiplicar os relatos de mulheres, inspirando outras autoras. Entretanto, do outro lado das minúcias de Flora na edição de seu livro está o grande preconceito e resistência que suas causas enfrentavam na sociedade



de seu tempo. Não eram muitas as mulheres que escreviam, antes da sua geração; a literatura de viagem fora um gênero eminentemente masculino até o século XVIII. Quando seu livro saiu, já eram um pouco mais comuns os relatos de mulheres viajantes, mas a maneira como a sociedade machista enxergava essa produção ainda era muito marcada pelo preconceito.

A aventura começa em 7 de abril, com o deslocamento desde a casa até o porto onde estava o navio a vapor e a partida. Não passou uma hora e já estava sofrendo com a náusea. No primeiro trecho, até Cabo Verde, estive muito mal com o péssimo tempo e as altas ondas. Depois de vinte e cinco dias no Oceano, as condições do mar tinham sido tão desfavoráveis que forçaram uma estadia em Praia, para calafetar uma parte do navio, que fazia água. Recuperou-se e durante dez dias visitou pessoas, como o cônsul americano, e teve contato com a escravidão:

O único comércio que fazem ali é o tráfico; não existe nenhum produto para exportação. Os habitantes de Praia trocam os escravos por farinha, vinho, óleo, arroz, açúcar e outros gêneros, assim como pelos objetos manufaturados que precisam. Esta população é pobre, se nutre muito mal, e a mortalidade é muito considerável, pelas numerosas doenças às quais seus habitantes estão expostos. (Tristan 1838:78, vol. I)

Já neste primeiro trecho é possível enxergar a convergência de alguns elementos de romance e do comentário social, pontuando sua narrativa de viagem. Durante a primeira escala em terra firme, Monsieur Chabrié, capitão do *Le Mexicain*, o único a bordo que sabia de sua condição de mulher separada, lhe confessa amor. Embora chegue a lhe incomodar pelo assédio, sua imagem é bastante paterna, a começar por sua idade avançada, e acaba significando o homem sensível, idealizado, da mesma forma como a imagem de seu pai. E leva nossa heroína a uma encruzilhada, onde tem de decidir entre aceitar seu amor por conveniência, por medo de ficar sozinha, ou seguir seus sentimentos e ideais. Decidindo permanecer fiel a sua consciência.

Outro fator é o permanente estado de aventura, como acontece quando retomam a viagem. Passou mal todos os dias, até chegar a terra firme de novo. Sofreu privações como a de ter de dormir sob sol e chuva, devido a um forte odor que tomou conta das cabines. Depois de 33 dias, chegaram à terra firme de novo.

O primeiro ambiente americano a ser descrito é Valparaíso, no então recém-independente Chile (e ainda sem seus atuais limites ao norte, tomados da Bolívia e do Peru; e ao sul, do povo Mapuche, na segunda metade do século XIX). Durante a colonização, o monopólio espanhol permitia ao porto comunicar-se apenas com Callao, no Peru, que centralizava todo o comércio do vice-reino com a metrópole. Livre do jugo, a cidade resplandecia com o fluxo de navios europeus que vinham do Atlântico. Logo no início do capítulo que dedica à cidade, relata o intenso movimento do porto, a presença de muitos estrangeiros, como os “quase duzentos franceses”, que se dedicavam ao jogo, à galanteria e à fofoca.

Ao longo da viagem, Flora encontra exemplos de injustiça contra a mulher. A maneira com que descreve a condição da dona da hospedagem em que ficou, por exemplo (e como nos outros casos), é cheia de comiseração e indignação:

Madame Aubrit é uma vítima do casamento, também. Casada, aos dezesseis anos, com um velho militar cujas características e hábitos lhe eram antipáticos, a infortunada moça teve que sofrer muito. No final, não podendo mais suportar aquele inferno, dele escapou pela fuga. E então outros males caíram sobre sua cabeça. Madame Aubrit, ao deixar seu marido, ficou sem meio de existência. Ela quis ganhar a vida, mas fazer o quê? Para as mulheres, não estão fechadas todas as portas? (Tristan 1838:174, vol. I)

Mas essa mulher conseguiu sobreviver com diversas ocupações, conheceu um homem e com ele se mudou para a América do Sul. Lá chegando, ele morreu, e foi apenas com a ajuda de M. Chabrié, que conseguiu montar

sua hospedagem. Tal história lhe dá a oportunidade de expressar, mais uma vez, sua opinião:

A história de madame Aubrit é aquela de milhares de mulheres, como ela, fora da sociedade, e que têm, da mesma forma, todos os horrores da miséria e do abandono para sofrer. Nossa sociedade permanece insensível à vista destas misérias e da perversidade que elas fazem nascer. (Tristan 1838:176, vol. I)

A parte os desdobramentos do convívio “novelesco” com as pessoas que haviam viajado com ela no navio, Flora procurou também descrever os lugares que visitou. Entretanto, devido ao pouco tempo em que permaneceu no Chile, usou apenas duas páginas para pintar os chilenos como frios, duros e altivos. Não se disse maravilhada do contato, como ficou no Peru, mas constatou que as chilenas tinham fama de trabalhadoras, e notou que os casamentos com europeus pareciam comprovar isso, uma vez que eram muito comuns lá e mais raros ao norte. Aqui, um pingo de ironia, deixando dizer através disso o que, segundo ela, era o real interesse masculino no matrimônio.

No dia 1º de setembro partiu para Arequipa, no navio *Léonidas*. Mais uma vez, a vida em alto mar, conhecendo os passageiros (todos homens, sempre) e sofrendo com as náuseas constantes. Chegou a Islay, no Peru, oito dias depois. Uma densa neblina quase não deixava ver o porto. Descreveu assim o que viu: “Toda a costa do Peru é extremamente árida: Islay e seus arredores não apresentam nada além de uma perspectiva de desolação. Entretanto o porto prospera de uma maneira surpreendente”. (Tristan 1838:201, vol. I)

Sempre que pode, fez alusões a como melhorar os lugares na América, considerações absolutamente diferentes das que teceu sobre a Europa, onde a luta parece mais abstrata, mesmo porque é o lugar onde esta narrativa *não está*. Da França fala da luta pela emancipação feminina, quando conta sua história, no prefácio. Já no Peru, até mais do que no próprio Chile, sente-

se a vontade para comentar e sugerir ações práticas sobre o território. Há um trecho sobre Islay onde fica clara essa visão subliminar “falansterista”, poderíamos dizer, de Tristan:

A época dos poços artesianos ainda não chegou para este país, ele está muito atrasado para que sonhemos com ela. Islay não tem, para matar sua sede, mais do que uma pequena fonte; ela se esgota com freqüência no verão; então os habitantes são obrigados a abandonar suas residências. O solo é formado de uma areia negra e pedregosa, que seria sem dúvida muito fértil se pudéssemos fazer uso da irrigação. (Tristan 1838:202, vol. I)

Desde sua chegada às Américas, ainda em Valparaíso, pode perceber a importância que seu tio, Pio de Tristan, tinha. Quando chega a Islay, começa seu contato mais intenso com a magnitude de seu poder. Ainda antes de sair do barco, pode perceber o espanto que seu passaporte causa aos oficiais da Aduana, que lhe perguntam se era parente de Pio de Tristan e conversam em voz baixa para decidir o que fazer. É recebida com honras e regalias. Neste ponto, para melhor situar o leitor, insere as correspondências trocadas entre ela e seu tio.

Este é um recurso, importante notar, que a autora vai usar outras vezes, aproximando a obra, em alguns trechos, dos romances epistolares, comuns em sua época. Além de serem documentos que dão força a suas demandas, como no caso de seu tio; aparecem também como registros dos relacionamentos vividos durante a viagem, como acontece mais para frente, quando insere todas as cartas que recebeu enquanto estava em Arequipa.

Depois de transcritas as cartas, passa ainda longo tempo explicando a posição de seu tio no Peru, contando sua história de marechal do Império Espanhol e das forças realistas durante as guerras de Independência. E também da permanência de sua força política mesmo depois da instauração da República. São vinte páginas onde, para reforçar o temor que a figura despertava entre os locais, inseriu até mesmo um folheto político que circulou

pelo Peru, com ataques virulentos contra ele. Explicando o contexto social que lhe circundava, emite o primeiro comentário sobre os habitantes do país, desde a chegada, se colocando abaixo do mesmo jugo:

Os peruanos são políticos em todas as circunstâncias, adutores, baixos, vingativos e covardes. Segundo esta característica da gente do país e a alta influência governamental de meu tio, explicar-se-á facilmente seu jeito de agir a meu respeito. (Tristan 1838:225, vol. I)

Gastou ainda algumas páginas descrevendo a casa onde estava em Islay, e a curiosidade social um tanto rude dos vários habitantes locais que tentavam aproximação. O ambiente doméstico é muito presente em suas obras, as conversas, as roupas, os detalhes de cada lugar são descritos com atenção. Relembrava a excelente recepção que tivera pela parte de alguns, com detalhes de vestimentas e costumes, assim como as pulgas e a comida de má qualidade, por exemplo.

Tanto em terra firme, quanto em alto mar, a casa faz contraponto a uma natureza quase sempre colossal, hostil e bela, de tempestades horríveis, ilhas rochosas e escarpadas ardendo embaixo do sol, até chegar ao brumoso litoral do pacífico, o deserto ardente de areia e os cumes magníficos dos vulcões do caminho para Arequipa. A natureza, na viagem, sempre a deixava atônita, em êxtase ou temor extremo.

Assim, se colocava como uma pioneira explorando territórios novos do planeta e da sociedade. Descrevendo seus sentimentos de maneira a compreender o impacto da experiência sobre seu ânimo, como nesta passagem, onde reflete sobre seus primeiros dias no Peru, atravessando o deserto a caminho de Arequipa:

O estado no qual me encontrava provinha da minha organização nervosa. Depois de grandes fadigas, eu ressentia dos mesmos efeitos. Os dois dias que acabara de passar em Islay tinham me

cansado excessivamente: a emoção de ver sobre o solo depois de passar por tantas penas, a dificuldade de me expressar numa língua que eu conhecia, mas que não tinha o hábito de falar, a multidão de visitas que eu tive que receber, as noites febris por causa das malditas pulgas, a quantidade de café que eu tinha tomado, tudo isso me superexcitou o sistema nervoso da maneira mais violenta. (Tristan 1838:237, vol. I)

Em Arequipa, o encontro com a casa onde seu pai havia vivido é outro momento de comoção. Descrevendo o contraste entre a viva imagem paterna em seu coração e o sombrio e frio quarto que lhe haviam destinado, na casa de sua família peruana. Toda a mobília é descrita e até as dimensões do ambiente. A minúcia vem de uma maneira de ler, nas entrelinhas dos objetos e lugares, as relações entre as pessoas. E serve de base para entender sua situação: pelo aposento que lhe oferecera, tirou a medida da mesquinharia de seu tio Don Pio de Tristán.

Além da descrição do ambiente doméstico, há a presença de uma maneira de ver o mundo muito focada nas relações pessoais que estabelece. Muitas feministas sustentam que gênero é uma “relação” (Butler 1999:13). Ao lermos a obra de Flora, a dimensão dos contatos que vai contando, percebemos que são sempre repletos de detalhes, diálogos e significação. Podemos dizer que a autora fez política o tempo todo, posto que as conversas, em sua maioria, envolvem comentários sobre situações sociais. É razoável afirmar que demonstrava uma maneira feminina de fazer política, a única permitida então.

Enquanto os discursos eram feitos nos congressos e nas reuniões, onde as mulheres – que sequer podiam votar – não eram aceitas; a movimentação possível era a influência sobre homens e mulheres no ambiente domiciliar e dos encontros das famílias proprietárias. Este era o retrato do espaço da política aberto à participação feminina, no interior do Peru, a essa época. E que, por diversos interesses, a autora usou e abusou ao inseri-los em um gênero que ainda era pouco acostumado a tanta emancipação. Através dos diálogos, expressava suas idéias. Como com a prima Flora, logo após um tremor:

Confesso que estava transtornada. Minha prima se sentou perto de mim; a expressão de sua figura me fez medo. – Execrável país! exclamou com um acento de furor concentrado; e dizer que sou condenada a morar aqui!

- Minha prima, se te parece assim tão execrável, porque permanece aqui?

- Porque, Florita! por ordem da mais dura das leis, aquela da necessidade. Todo ser privado de fortuna depende de outro, é escravo e deve viver onde seu amo o prende.

E minha prima cerrou os dentes com um movimento de revolta que me provou que ela não estava organizada para a escravidão.

Eu a olhei e lhe disse, com um sentimento de superioridade que não pude reprimir a expressão: - Prima, eu tenho menos fortuna que você: eu quis vir a Arequipa, e cá estou!

- E o que você conclui disso? me perguntou com um movimento de despeito.

- Que a liberdade não existe realmente a não ser dentro da *vontade*. Aqueles que receberam de Deus essa vontade forte que faz sobrepor todo obstáculo são livres; enquanto que aqueles cuja fraca vontade se deixa ou cede diante das contrariedades são escravos, e o seriam mesmo se a bizarra fortuna os colocasse no trono. (Tristan 1838:1295, vol. I)

Existe, para que possa haver o diálogo onde seus ideais são expostos, uma construção da imagem dela mesma, a autora, como uma espécie de líder das mulheres, nesse processo de luta por emancipação. Flora não tem dúvidas sobre suas idéias, nem demonstra suas aflições. E, diferentemente dos folhetins desta época, não há, na narrativa, a presença do amor cordial. A mensagem subliminar é clara: sua causa está acima das relações afetivas sensuais. Tanto que a palavra amor tem vários significados em sua obra, sendo um deles bastante negativo, e usado de maneira sutilmente irônica: o de vínculo matrimonial.

Ainda na perspectiva relacional do livro, o contato mais central para o enredo, em diversos sentidos, é o que a protagonista trava com seu tio. Um dos diversos indícios desta relevância está no próprio formato da publicação: o segundo tomo começa com o capítulo: “Don Pio de Tristán e sua família”, e sua presença é sentida em toda a obra. É através da correspondência que ela começa com ele que a própria viagem foi possível, toda a sua estada no continente teve a sombra de seu parentesco abrindo portas e marcando seu itinerário.

Existe um maniqueísmo entre a figura da autora-protagonista e a de seu tio. Em quase tudo são contrários: um, homem, velho, poderoso, burguês, conservador e corrupto; ela, mulher, jovem, pária, proletária, libertária e honesta. Toda sua permanência no Peru tem esse paradoxo como que lhe adoentando o espírito: presencia o mal que seu protetor faz a todo um país. O livro é a história desse contato, até sua “capitulação” e volta para a França – onde resolveu a fuga da luta contra-atacando com um romance de viagem.

Leitora de Fourier, conhecedora do socialismo utópico de então, com a experiência por dentro do poder, parece deixar de acreditar numa evolução natural em direção à emancipação, com os ricos e pobres descobrindo e aceitando de imediato as idéias de reestruturação social. Um bom exemplo desse embate pode ser percebido na passagem seguinte. Pio de Tristan argumenta que está velho para ser chefe militar da República, ao que Flora rebate, para ouvir sua real estratégia:

- Parece-me, meu tio, que é justamente nas difíceis crises que os homens como o Sr deveriam oferecer o socorro de seu talento e de sua experiência.
- Florita, é muito mais feliz, para você, que você não seja uma personagem política, sua dedicação lhe perderia; longe de ir oferecer meus serviços a estes ignorantes, eu quero deixar que eles se enfiem nos embaraços e nas dificuldades; quanto mais tiverem disso, mais sentiram a necessidade de me ter; eu os verei vir me implorar, me suplicar, e lhes farei minhas condições.



Eu olhei para meu tio, e só pude dizer: Pobres Peruanos! (Tristan 1838:248-249, vol. II)

Mary Louise Pratt, em seu livro *Os Olhos do Império – relatos de viagens e transculturação*, ocupa-se desta obra de Flora para fazer um retrato feminista da literatura de viagem no século XIX, a quem chama de *exploradora social*. Diferentemente das narrativas masculinas, *Peregrinações* descreve a sociedade americana de uma perspectiva menos cientificista e mais atenta ao lado humano do que ao econômico. Isso significa, entre outras coisas, um olhar voltado para a intimidade e para o lugar privado no cotidiano dos americanos. Pratt explica esse movimento da seguinte forma:

O fato previsível de que a ambientação doméstica tem uma presença muito mais proeminente nos relatos de viagens de mulheres do que nos de homens (onde é necessário procurar muito para encontrar ao menos uma descrição do interior de uma casa) é uma questão não apenas de diferentes esferas de interesse ou especialização, mas de modos de constituir o conhecimento e a subjetividade. Se a tarefa dos homens era a de compor e possuir tudo o que os circundava, essas mulheres viajantes procuravam, antes de mais nada, possuir a si mesmas. Sua reivindicação territorial recaía sobre um espaço privado, um império pessoal, do tamanho de um quarto. (Pratt 1999:275)

Além do internacionalismo que Flora assume após a experiência peruana, suas convicções feministas também ganham força. Exercem importante papel nesse processo dois momentos de sua viagem que estão em passagens de seu livro: o encontro com Doña Pencha e com as mulheres peruanas. A influência do primeiro dos episódios é retratado assim por Pratt (1999:285):

A parte seu engajamento político no Peru e a destruição de suas esperanças pessoais, Tristan desenvolveu a ambição de se tornar

uma ativista política. Para sua transformação foi crucial uma das mais dramáticas figuras da vida pública peruana, *Doña Pencha*, mulher de Agustín Gamarra, presidente do Peru de 1829 a 1833. Mulher extraordinária e ambiciosa, dizia-se que *Doña Pencha* dirigira o país durante o mandato de seu marido.

Além de *Mariscala Gamarra*, outros fenômenos femininos chamaram sua atenção, as *rabonas*, mulheres indígenas que acompanhavam os exércitos, sustentando as tropas e mesmo se engajando no combate, quando podiam. Como afirma Pratt, “a admiração de Tristan pelas *rabonas* exemplifica a perspectiva feminocêntrica presente nela [...] e a dívida [...] para com as imagens de poder feminino produzidas pela Revolução Francesa e pelo feminismo original.” (Pratt 1999:285)

Outro exemplo é a maneira como Flora inclui construções do que poderia ser chamado, ainda segundo Pratt, de “feminotopias”, ou seja, “episódios que apresentam mundos idealizados de autonomia, poder e prazer femininos” (Pratt 1999:286). A independência das *limeñas* lhe deixa fascinada:

Não há nenhum lugar sobre a Terra onde as mulheres sejam mais livres e exerçam mais império do que em Lima. Reinam ali exclusivamente; é delas, em tudo, de quem procede qualquer impulso. Parece que as limenhas absorvem, só elas, a débil porção de energia que esta temperatura cálida e embriagadora deixa aos felizes habitantes. (Tristan 1838:364-365, vol. II)

E é de uma maneira bastante sensível ao feminismo que sua análise das limenhas contrapõe de maneira exemplar relatos masculinos anteriores, ao se ater às suas vestimentas, e compreendê-las a partir das necessidades e vantagens locais que sua maneira de se vestir proporciona. Enquanto outros autores criticavam o *saya y manto*, como uma rudeza das mulheres do lugar, Flora foi capaz de enxergar tais costumes como cruciais para sua liberdade social e sexual.

Desta forma, o mero fato de relatar viagens, para uma escritora feminista de sua época, era um ato político, com desdobramentos fundamentais, como no caso de Flora Tristan, para sua própria existência enquanto ativista socialista e feminista. Como conclui Pratt:

Ela se expõe como protagonista de suas viagens e de sua vida, e reivindica a intencionalidade de endereçar-se diretamente a toda a posteridade. A pretensão de autoridade de Tristan liga-se diretamente ao feminismo europeu do fim do século XVIII e início do XIX. Não é mera coincidência que muitas das primeiras escritoras de viagem também tenham sido e *tenham escrito como* feministas, notavelmente *Lady Montagu* e *Mary Wollstonecraft*. (Pratt 1999:292-293)

## Conclusão

À semelhança de Tomás Morus, Flora Tristan também usou um relato de viagem como meio de criticar os hábitos de seu tempo e dos lugares por onde passou. A diferença é que ela mesma, devido aos três séculos de distância com Morus, pôde viajar ao “Novo Mundo”. Aqui chegando, viu frustrada sua tentativa de ser reconhecida como herdeira de seu pai, mas a experiência da viagem acabou sendo marcante para sua formação enquanto escritora, segundo afirma na própria obra:

Em 1833, eu ainda estava bem longe de ter as idéias que, desde então, se desenvolveram em meu espírito. Naquela época, era muito exclusiva: meu país ocupava em meu pensamento mais espaço que todo o resto do mundo; era com as opiniões e os usos da minha pátria que julgava as opiniões e os usos dos demais. O nome da França e tudo o que se vinculava a ela produziam sobre mim efeitos quase mágicos. Então considerava um inglês, um alemão ou um italiano como a tantos *estrangeiros*: não via que os homens são irmãos e que o mundo é sua pátria comum. (Tristan 1838:29, vol. I)

A viagem provocou mudanças significativas na vida de Flora. Foi a gestação de uma obra que dá suporte às suas visões políticas: socialistas e feministas. Um socialismo pensado através da questão de gênero, sempre com referências às condições das mulheres. E também um feminismo de cunho proletário, socialista, diferente do sufragismo burguês das feministas estadunidenses, por exemplo.

Apesar de *L'Union Ouvrière* ser conhecida como sua principal obra, seu trabalho de sedução é muito mais relevante nas *Peregrinations*, um produto cultural de propaganda de suas idéias e de sua maneira de viver - combatendo. Os conceitos que o manifesto conseguiu sintetizar em diretivas enxutas, incisivas e práticas; o relato da viagem mostrou em funcionamento, agindo socialmente. O poder dessa estratégia dupla não pode ser desprezado como uma das forças motoras de suas idéias e de seu mito.

Se a viagem ao Peru lhe empurrou para a criação literária, a publicação da narrativa desta viagem (e da seguinte, *Passeios em Londres*, de 1840) lhe deu um reconhecimento que serviu de impulso à radicalização de sua participação política, a partir da década de 1840. Cujo ápice foi a publicação da *União Operária*, em 43, e, no ano seguinte, o *Tour de France*, giro que Flora fez pelo país para ter contato com a situação dos proletários, naquele que acabou sendo seu último projeto, onde finalmente casou de maneira indissociável luta, viagem e literatura.

## Referência bibliográfica

AINSA, Fernando. 1998. *De la edad de Oro al El Dorado – génesis del discurso utópico americano*. México: Fondo de Cultura Económica.

BUTLER, Judith. 1999. *Gender Trouble – feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.

FOURIER, Charles. *El falansterio*. Disponível em: [http://www.antorcha.net/biblioteca\\_virtual/filosofia/falansterio/caratula.html](http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/filosofia/falansterio/caratula.html). Acesso em: 30 jun 2008.

MORUS, Tomás. 1997. *Utopia*. Porto Alegre: L&PM.

PRATT, Mary Louise. 1999. *Os Olhos do Império – relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC.

RAMA, Carlos (org.). 1977. *Utopismo Socialista (1830-1893)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho. Disponível em: [http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&swords=utopismo%20socialista&tt\\_products=26](http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&swords=utopismo%20socialista&tt_products=26). Acesso em: 30 jun 2008.

ROUVROY, Claude Henry (Conde de Saint-Simon). *Cartas de un habitante de Ginebra a sus contemporáneos*. Disponível em: [http://www.antorcha.net/biblioteca\\_virtual/filosofia/saint\\_simon/saint\\_simon.html](http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/filosofia/saint_simon/saint_simon.html). Acesso em: 30 jun 2008.

TRISTAN, Flora. 1838. *Pégrinations d'une paria*. 2 vol. Paris: A. Bertrand. Disponível em: (I) <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81733r> (II) <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k817343>. Acesso em: 30 jun 2008.

\_\_\_\_\_. 1844. *L'Union Ouvrière*. 2e édition. Paris : chez tous les libraires. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81522j/f1.table>. Acesso em: 30 jun 2008.